
“Morrer para a frente” - Um infinito poético (leituras cruzadas entre Helder, Foucault e Blanchot)

RAQUEL GONÇALVES*

Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira - Núcleo de Estudos Herberto Helder
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Doutoranda em Materialidades da Literatura)

Se em *A Morte Sem Mestre*, e nos últimos livros de Herberto Helder, como *Servidões*, *Poemas Canhotos* e *Letra Aberta*, se intensifica uma aproximação à *mortal/idade*, aqui entendida como morte física da mão e do corpo que escrevem o poema, a verdade é que, praticamente desde o momento inicial da sua escrita, a ideia **de** e **sobre a** morte, em diversas formulações, perpassa toda a obra de Herberto Helder como conjugação contínua, como pulsão poética, ou idiomática, porquanto, nas “costuras” das “gramáticas inventadas tortas” (HELDER, 2014: 680), desde os anos 60 (situo-me em *Lugar*), Herberto inscreve na sua poesia a “Morte ao/meio como alta desarmonia” no “centro do retrato” (“retratíssimo ou narração de um homem depois de maio”, de *Lugar* - HELDER, 2014: 180).

Este ensaio parte de uma das formulações, diria idiomáticas, de Herberto Helder, desde *A Morte Sem Mestre*, de 2015, em direção à ideia desse princípio/fim ininterrupto, ou infinito, na poesia de Herberto Helder:

queria fechar-se inteiro num poema
lavrado em língua ao mesmo tempo plana e plena
poema enfim onde coubessem os dez dedos desde a roca ao fuso
para lá dentro ficar escrito direito e esquerdo
quero eu dizer todo
vivo moribundo morto
a sombra dos elementos por cima

(HELDER, 2015: 30)

Acompanhar o movimento de *O Poema Contínuo*, entre vida e morte, para chegar a uma possibilidade de infinito, poema que não termina e que sendo ‘cantante’ é sobretudo “uma coisa incompreendida no instante/de morrer para a frente” (poema “Lugar” - HELDER, 2014: 134), cumpre o postulado de Blanchot, segundo o qual pode a literatura ser

a única possibilidade de os homens alcançarem o infinito, uma espécie de imortalidade. O que se pretende é um exercício de leitura da ideia de infinito em *O Poema Contínuo* e da forma como em Herberto Helder se cumpre aquilo a que Blanchot se referiu como a “errância de uma marcha necessariamente um pouco mais longa do que a vida” (BLANCHOT, 2005: 137).

Dos poemas que “tão fortes eram que sobreviveram à língua morta” (HELDER, 2014: 11) podemos chegar, em movimento perpétuo, à morte que, para Foucault, é “o mais essencial dos acidentes da linguagem (seu limite e centro): no dia em que se falou para a morte e contra ela, para dominá-la e detê-la, alguma coisa nasceu, murmúrio que se retoma, se canta e se reduplica ininterruptamente” (FOUCAULT, 2001: 49).

Se em Herberto Helder é exercida essa possibilidade de se fechar num poema “vivo moribundo morto” – sem qualquer pontuação que abra uma cisão entre estes estados contraditórios – parece-me legítimo lermos no poema movimentos que entre vida e morte são circulatorios, constantes, possíveis: dentro do poema é possível estar-se, a uma só vez e a uma só voz, “vivo moribundo morto”. Deter a morte é cantá-la e reiterá-la continuamente.

A morte, tão presente nos livros finais (*assassinados* Herberto Helder (*Lugar*, 1962; HELDER, 2014: 180), acompanha o ofício que se vai desdobrando na poesia de Herberto Helder, numa errância formulada por Maurice Blanchot:

(...)o fato de estarmos a caminho sem poder jamais nos deter, transformam o finito em infinito. A isso se acrescentam esses traços singulares do finito, que é, no entanto, fechado. Podemos sempre esperar sair, enquanto vastidão infinita é a prisão, porque é sem saída, da mesma forma todo o lugar absolutamente sem saída se torna infinito. (BLANCHOT, 2005: 137).

Poderá assim a ideia de morte em Herberto Helder ser esse ponto finito que se torna infinito, porque ao permitir a errância transforma o finito em infinito, um *contínuo cantante* que se exerce contra a morte dentro do poema?

Afinal, “o poema faz-se contra a carne e o tempo” (HELDER, 2015: 28) e “em cada espasmo eu morrerei contigo” (HELDER, 2014: 27). Da morte iterativa nasce assim o movimento desse infinito espasmo que se faz contra tudo, contra o mundo, amor e desejo, a morte da carne e a inexorável passagem do tempo, até que “já nenhum poder destrói o poema.” (*A colher na boca* - HELDER, 2014: 28).

Desde *A colher na boca* que “O Poema” “Insustentável, único,/ invade as casas deitadas nas noites/ e as luzes e as trevas em volta da mesa/ e a força sustida das coisas/ e

a redonda e livre harmonia do mundo./ – Em baixo o instrumento perplexo ignora a espinha do mistério." (*A colher na boca* - HELDER, 2014: 28).

Em cronografia rápida, podemos transitar do livro de 1961 para *A Morte Sem Mestre*, de 2015, para se poder ver mais de perto que "nenhum poder destrói" os poemas que

tão fortes eram que sobreviveram à língua morta, [...] décadas, séculos, milénios, e eles vibram, e entre os objectos técnicos no apartamento, rádio, tv, telemóvel, relógios de pulso, esmagam-me por assim dizer com a sua verdade última sobre a morte do corpo, dizem apenas: igual ao pó da terra que não respira, o que é falso, pois eu é que deixarei de respirar, sobre o pó da terra que respira, entre o poema sumério e este poema de curto fôlego, mas que talvez respire um dia, ou dois ou três dias mais. (HELDER, 2015: 11:).

Antes, como agora, é o poema que continuará a respirar, a invadir casas, noite, luzes e trevas à volta da mesa, como o instrumento que ignora a espinha do mistério. Da morte? Talvez.

O poema que, num só movimento, ignora e se faz contra a morte, o poema que respirará, que sempre respirou mais dias do que a humana condição.

A morte no poema é força elementar que continuará a respirar, infinitamente e com mais razão numa poética que sempre se fez iterativa, circulatória, mecanismo infinito por dentro da qual o fulcro das ideias é destruído e construído e se volta a si mesmo ao serviço de um *ofício cantante in/finito*.

Herberto Helder parece ter essa noção de que no poema se poderá respirar um dia, dois, três dias mais. O poema é errância, contínuo infinito no escrever contra a morte, porque sabe "que se um dia destes parar não sei se morro logo", "não sei se fazer um poema não é fazer um pão/ um pão que se tire do forno e se coma quente ainda por entre as linhas, um dia destes vejo que não vou parar nunca, as mãos súbitas cheias: o mundo é só fogo e pão cozido" (HELDER, 2015: 29).

A errância de Herberto Helder parece fazer-se, assim, dessa noção de finito, mas também, e quase em movimento simultâneo, de um infinito que se torna possível.

Volto assim a Blanchot:

Para o homem medido e comedido, o quarto, o deserto e o mundo são lugares estritamente determinados. Para o homem desértico e labiríntico, destinado à errância de uma marcha necessariamente um pouco mais longa do que a sua vida, o mesmo espaço será verdadeiramente infinito, mesmo que ele saiba que isso não é verdade, e ainda mais se ele o sabe. (BLANCHOT, 2005:137)

A consciência da finitude ou da morte parece-me ser, tanto no postulado de Blanchot, como na poesia de Herberto Helder, esse movimento de uma escrita contra a morte, esse poder de toda a linguagem e da linguagem poética em particular se destinar a uma marcha necessariamente um pouco mais longa do que a vida. Ou, como defende Foucault:

a morte é, sem dúvida, o mais essencial dos acidentes da linguagem (seu limite e centro): no dia em que se falou para a morte e contra ela, para dominá-la e detê-la, alguma coisa nasceu, murmúrio que se retoma, se conta e se reduplica ininterruptamente, conforme uma multiplicação e um espessamento fantásticos (FOUCAULT, 2001: 49)

Escrever para dominar e para deter a morte parece-me um movimento possível na poesia de Herberto Helder, e não apenas nos livros finais. Não estaríamos assim perante um qualquer *estilo tardio*, mas sim perante uma reiterada combustão contínua, que tem na morte, e em outros tópicos fortes da poesia herbertiana, um caráter constante.

Leia-se de *Photomaton & Vox*:

a vida que se foi desenvolvendo em torno de um obscuro crime (ter conseguido não morrer muito depressa? E ter por isso recorrido ao jogo concêntrico das palavras?) a vida, essa vida que não dava paz, pelo próprio tremor desavindo da maravilha anunciada, sim, essa vida aglomerou-se em torno da festa essencial do crime, e as pequenas festas criminais desencadearam a forma em movimento, o filme vocabular." (HELDER 2015: 25).

Crime e morte desdobram-se, não terminam. Criam, prolongam e movem-se com e contra o fim, anunciado, lúcido e adiado, "vivo moribundo morto".

Cito Pedro Eiras: "o poema tem de ser conquistado de cada vez. Nem é certo que vivamos sobre terra firme, mas a própria terra tem de ser conquistada. O poema é impuro porque está sempre inacabado, com o barro fresco, as gotas a secar" (EIRAS:2007: 19).

É possível assim prolongar a morte no poema, fazer com que ele ainda respire depois, fazer com que com que ele conquiste a terra que não é certa, mas que, ainda assim, tem de ser conquistada. O poema que fala contra a morte e que contra ela se faz, mesmo na consciência de um finito, na errância de um infinito *impuro* porque geradas em "festas criminais" que "desencadearam a forma em movimento, o filme vocabular", inacabado (HELDER, 2015: 25).

Dentro da linguagem, a morte é constantemente adiada porque infinitamente repetida, porque repetidamente anunciada, nomeada dentro de uma *gramática inventada torta* (HELDER, 2014: 680) que pode matar e fazer renascer num movimento constante:

que "nem vive nem morre", "que tudo acaba, e mal acaba/ recomeça/ a servidão" (HELDER, 2014: 50)

Volto a Foucault:

Pergunto-me se não seria possível fazer, ou pelo menos esboçar, à distância, uma ontologia da literatura a partir desses fenómenos de auto-representação da linguagem: tais figuras que são aparentemente da ordem do artifício ou da diversão, escondem, ou melhor, traem, a relação que a linguagem tem com a morte – com esse limite para o qual ela se dirige e contra o qual ela é construída." (FOUCAULT, 2001:50).

É inevitável não intuirmos que Herberto Helder, em toda a sua obra, se dirige e ao mesmo tempo ensaia esse movimento contra a morte.

Ganhamos espaço para o vazio; gostamos muito da nossa morte; trabalhamos esplendidamente por conta dela [...] e o pior é que tudo, espalhado por fora, se liga coerentemente por dentro: a minha, a nossa morte. Trata-se de uma anedota, claro, e de uma metáfora com sentidos muito precisos (HELDER, 2015: 27).

Cito *Photomaton & Vox*, ou poderia estar ainda a citar Foucault e as figuras da ordem do artifício ou da diversão na relação da linguagem com a morte.

E voltar depois a Herberto Helder: "Tudo significa morte: Os caminhos dela, as ocultações e revelações, a sua força destrutiva, criativa, transformadora. Tenho um crime antigo, circulante, utilizável." (HELDER, 2015: 40)

Há quanto tempo, por quantos livros se pratica este crime antigo e utilizável? Por todos, desde o primeiro, desde essa primeira morte ensaiada, ficcionada e ainda assim apontada a um fim que se sabe inevitável, apontada **contra** o fim e, desta forma, fazê-lo capaz de regressar ao início, ininterruptamente: "sim, sim, afinal escrevera um poema durante um reinado de muitas guerras" (HELDER, 2015: 24).

Neste movimento, os poemas são "meus veros filhos em que mudei a carne aflita/ com o arrepio a que chamam alma,/ e a luz com nome desconhecido,/ filhos vivos à força de dor e condição escrava,/ vivos como quem espera um dia para morrer mais, ou mais depressa, ou mais devagar como sempre acontece a quem ainda espera". (HELDER, 2015: 27).

Detenhamo-nos então na espera, a adiar o dia para morrer mais depressa ou mais devagar. Poesia e morte como acelerador ou travão de inevitabilidades que, ainda assim, podem ser adiadas, podem continuar a respirar ainda um, dois, três dias mais.

E depois voltemos a máquina ao ponto inicial, a recomeçar, a voltar a adiar a morte contra a qual e com a qual se escreve.

Cito Diana Pimentel:

Renascia, Herberto Helder *redivivo*. Não há força de braços que suporte o movimento da *pedra pedríssima* do imenso ‘corpus’ poético de Herberto Helder: trata-se de uma força elementar e arterial, circulatória e incendiária, que opera principalmente sobre e com a sua própria voz. Desde os anos cinquenta do século vinte e provavelmente para o século futuro que falta para que se aprenda o seu *ofício cantante*, a leitura de Herberto Helder gera um tremor correlato da dicção da primeira e da última palavra: o seu *poema contínuo* é inicial, corpo órgão a órgão em gestação ininterrupta¹

Trata-se aqui de afirmar que além deste caráter ininterrupto se opera na poesia de Herberto Helder um infinito.

É o próprio Herberto Helder que poeticamente o considera quando afirma que “*o prestígio da poesia é menos ela não acabar nunca do que propriamente começar. É um início perene, nunca uma chegada seja ao que for.*”

Fechemos então o círculo deste diálogo entre Foucault, Blanchot e Herberto Helder, na certeza de que *A Morte Sem Mestre* ainda agora começou. Sejamos nós capazes de seguir o poeta nesse movimento de se encerrar “*todo num poema,/ não em língua plana mas em língua plena.*”

REFERÊNCIAS:

- BLANCHOT, Maurice (2005), *O livro por vir*, São Paulo: Martins Fontes.
- EIRAS, Pedro (2007), *A Lenta Volúpia de Cair*, Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi.
- FOUCAULT, Michel (2001), “A Linguagem ao Infinito”, *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*, trad. Inês Autran Dourado Barbosa, Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 47-59.
- HELDER, Herberto (2014), *A Morte Sem Mestre*: Porto Editora
- HELDER, Herberto (2014), *Poemas Completos*: Porto Editora
- HELDER, Herberto (2015), *Poemas Canhotos*: Porto Editora
- HELDER, Herberto (2016), *Letra Aberta*: Porto Editora
-

¹Texto *Herberto Helder Redivivo*, apresentado por Diana Pimentel na conferência com o mesmo título, que teve lugar a 23 de março de 2016, no Auditório do Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, numa organização da Direção Regional de Cultura.

Raquel Gonçalves *

É doutoranda em Materialidades da Literatura, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora no Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira, onde integra o Núcleo de Estudos Herberto Helder da Linha de Investigação K I N E S I S.